

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UNB)

VITOR AUGUSTO DIAS ERICEIRA-170064069

TRABALHO DE ÉTICA E JORNALISMO
Estudo de caso

Brasília – DF
2017

Cadê o dinheiro que tava aqui?

Vitor Ericeira

“Vejam, o salário dos trabalhadores que ceifaram os seus campos, e que vocês retiveram com fraude, está clamando contra vocês. O lamento dos ceifeiros chegou aos ouvidos do Senhor dos Exércitos”

Tiago 5:4

Nesse estudo de caso resolvi analisar o quadro “Cadê o dinheiro que tava aqui?” do programa *Fantástico*, exibido aos domingos na Rede Globo.

O quadro estreado em 2 de novembro de 2014 possui o objetivo de exibir reportagens investigativas relacionadas à corrupção. O que é feito com os impostos em diversas cidades? O repórter que lidera as investigações e faz as entrevistas com os investigados durante às gravações é Eduardo Faustini – o homem sem rosto da Rede Globo. Em todas as matérias do quadro, o “repórter secreto”, como é chamado no programa, aparece com sua imagem distorcida por computação gráfica (esse será um aspecto positivo analisado durante este estudo).

Visto que a cada domingo é exibida a investigação de um caso ou casos (há episódios em que mais de uma cidade foi visitada) diferentes de corrupção, a inspeção feita aqui, focará no quadro geral, não nos episódios.

A escolha do tema deve-se ao seu caráter positivo de ação do jornalismo. Essas investigações cumprem com seu propósito máximo de atender o público, considerando seu interesse – o que é feito com o dinheiro público? Além disso, é um bom exemplo da mídia atuando enquanto quarto poder.

Desde pequenas cidades como Anajatuba, no Maranhão, até metrópoles, como Brasília, já receberam a visita de Faustini e sua equipe.

Fantástico. Domingo a noite. Fundo negro, letras garrafais brancas montando a frase: **“Cadê o dinheiro que tava aqui?”**. Um rato branco com uma gravata negra. O apresentador Tadeu Schmidt repete a pergunta. Um vulto azul pavoneia-se na tela dos brasileiros.

Todas estas são características do quadro do *Fantástico*, que descobre esquemas de corrupção montados por todo Brasil. Locais, às vezes, onde tais esquemas jamais seriam desvelados – não fosse as denúncias dos brasileiros e a presença da mídia. Mídia, esta, relacionada à marca de maior reputação do país no ramo da comunicação: Globo.

No primeiro episódio da série, o repórter secreto foi até Anajatuba. Utilizando o famoso lema do caso Watergate, “siga o dinheiro”, investigou o uso de 9 milhões de reais da prefeitura em contratos com quatro empresas de fachada. Desvio de dinheiro. Mostrou a crua realidade dos maranhenses vítimas do descaso das autoridades. Escolas sem água, merenda feita em ambientes insalubres.

Em um outro capítulo, a equipe foi até Belém de Maria, município de Pernambuco. O prefeito estava foragido. A investigação girava em torno do desvio de 15 milhões de reais, em dois anos, em contratos para serviços superfaturados – desde poda de árvores até arbitro de futebol amador. Segundo o Ministério Público, há a suspeita do envolvimento de outras cidades no mesmo esquema de “laranjas” e que o rombo no capital público pode chegar a 100 milhões em todo estado de Pernambuco.

As ações do repórter secreto já resultaram em prisões pouco depois das reportagens terem ido ao ar. Nos dois casos acima e em todos os outros em seus quase três anos no ar, o quadro satisfaz a questão do interesse público. No capítulo I do código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, art. 2º, inciso II, versa: **“A produção e a divulgação da informação devem se pautar pela veracidade dos fatos e ter por finalidade o interesse público”**.

O conceito de interesse público muitas vezes é nebuloso, porém é inegável que o cidadão quer saber o que é feito com o dinheiro dos seus impostos. É inegável que quer a resposta para questão: cadê o dinheiro que tava aqui? E a ânsia por essa resposta é o próprio interesse público. Algo que o quadro da Rede Globo responde muito bem por meio de apuração diligente.

Inter-relacionado a isso nota-se também a função de “Quarto poder” sendo exercida. A qual os meios de comunicação exercem influenciando o cidadão e sendo o “cão de guarda” da sociedade. Vigia dos outros três poderes. A investigação da corrupção que acontece em uma prefeitura do interior cai perfeitamente nesse aspecto.

A atividade é ainda apoiada por outro inciso do código de ética do jornalista: Cap. 1, Art. 2º, Inciso IV – “A prestação de informações (satisfação) pelas organizações públicas e privadas, incluindo as não-governamentais, é uma obrigação social”.

Outros artigos, presentes no código de ética, que podem ser utilizados aqui para suportar a atividade e integridade desta, além da razão de existencia do quadro do fantástico são:

Cap. II, Art. 6º, Inciso I, II, V, VI (mais analisado abaixo), VII, X, XI;

Art. 12º, Inciso II, IX.

EDUARDO FAUSTINI

O capítulo III do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros – Da responsabilidade profissional do jornalista, no inciso IX e X do artigo 12º versa respectivamente: “Manter relações de respeito e solidariedade no ambiente de trabalho; prestar solidariedade aos colegas que sofrem perseguição ou agressão em consequência de sua atividade profissional”.

A Globo cumpre bem as duas cláusulas em relação ao repórter secreto.

Eduardo Faustini é um dos mais importantes jornalistas investigativos brasileiros, ao lado do falecido Tim Lopes. Possui reportagens pelo *Fantástico* desde 1996 e jamais exibiu o rosto em nenhuma delas.

Essa proteção quanto à imagem do jornalista se deve ao caráter de suas matérias. Alguns exemplos são: entrar no aeroporto portando uma bomba de mentira na mala, para testar a segurança dos aeroportos; uma série de reportagens que levaram à prisão do então deputado federal, e também ex-coronel da PM acusado de comandar grupos de extermínio, Hildebrando Pascoal – o deputado

da motosserra; outrossim, diversas denúncias de corrupção como as que faz hoje para o quadro em que é o repórter secreto.

Em entrevista denominada “O cara sem cara da Globo”, à revista *Trip*, Eduardo Faustini contou que é ameaçado de morte toda segunda feira na redação. E que, desde 2002 – ano da morte de Tim Lopes – a emissora mantém oito seguranças acompanhando ele, além de sempre se deslocar em um carro blindado.

Esse é um ótimo exemplo de trabalho em equipe e solidariedade jornalística. A rede Globo cuida da imagem e do bem-estar físico de seu profissional. Outra parte da mesma entrevista citada acima, Eduardo chega a afirmar: “A Globo é mais preocupada com minha vida do que eu”.

No quadro específico sendo analisado nesse estudo, como já foi dito, Eduardo aparece sempre com uma distorção azul, feita em computação gráfica. Sua voz também é alterada.

Outro ponto interessante a ser considerado no trabalho de Faustini é o uso da câmera escondida. Como ele mesmo diz: “Acho que todo bom jornalismo deve ser investigativo. [Todavia] o que faço é, digamos, jornalismo com câmera escondida”.

Não abordarei mais profundamente a discussão ética por detrás do uso de câmera escondida, haja vista que fugiria do contorno desse estudo. Cabe apenas dizer que o uso dela, no caso do “Cadê o dinheiro que tava aqui?” se enquadra – pelo menos em um aspecto (em caixa alta) dentro do código de ética do jornalista brasileiro: capítulo III, Artigo 11, Inciso III:

“O jornalista não pode divulgar informações obtidas de maneira inadequada, por exemplo, com o uso de identidades falsas, câmeras escondidas ou microfones ocultos, **SALVO EM CASOS DE INCONTESTÁVEL INTERESSE PÚBLICO** e quando esgotadas todas as outras possibilidades de apuração.”

O jornalismo investigativo do repórter secreto do *Fantástico* dentro do quadro “**Cadê o dinheiro que tava aqui?**” cumpre um trabalho exímio de consideração ao interesse público e as suas preocupações com os que governam – nesse caso com o destino de milhões de reais em impostos

desaparecidos de uma hora para outra em várias cidades do Brasil. Portanto, esse tipo de serviço, apoiado pelo código de ética que regula as ações da profissão, pode ser classificado como um bom exemplo de **ÉTICA NA MÍDIA**. O único aspecto que pode ser questionado em relação ao trabalho, é o uso de câmeras escondidas quando toca **a sentença sublinhada acima**. Aparentemente, pela sua entrevista para revista *Trip* e as matérias do quadro do *Fantástico*, o repórter não perde tempo com outras possibilidades de apuração, indo direto para a abordagem da câmera escondida. Algo que rompe com o que é versado no código de ética, visto que o conectivo lógico “E”, exige que além do interesse público sejam antes tentadas outras formas de apuração.

Fonte : gl

Fonte : gl

Fonte: Revista Trip UOL

Referências

<http://g1.globo.com/fantastico/quadros/Cade-O-Dinheiro-Que-tava-Aqui/>

<https://revistatrip.uol.com.br/trip/o-cara-sem-cara-da-globo>

https://pt.wikipedia.org/wiki/Eduardo_Faustini

Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros